

EDITORA VOZES: TRANSPARÊNCIA E PERMEABILIZAÇÃO

Mario BARATA

O centenário da Editora Vozes, sediada em Petrópolis em prédio anexo ao Convento Franciscano e à antiga Escola Gratuita de São José, é historicamente um fato importante. E, pela revista **Cultura Vozes**, a efeméride se liga à imprensa do Brasil, de maneira bem pessoal, quase única, pelo conteúdo dos textos que tem publicado, numa linha excepcional de transparência e permeabilidade. O recente e valioso livro que a empresa publicou, **Editora Vozes - 100 anos**, organizado pelo co-autor Marcelo F. de Andrades, comprova isso. Também confirmam a continuidade dessa importância, números da revista **Vozes**, como o incluído no volume 94, do final de 2000, às vésperas do referido centenário. Nele se destacara muito a importância e significação da vida e da obra do eminente educador Anísio Teixeira. Um dos exemplos de permeabilização na existência humana talvez possa ser objetivado através de um dos artigos ali publicados sobre Anísio.

Acresce o fato de tratar-se de uma das mais antigas empresas do país e uma das raras que nunca mudaram de ramo de atividades. Ademais herdou - por assim dizer - a possibilidade de ser a “editora do Concílio Vaticano 2” - como já foi afirmado - em nosso país e de suas resoluções e diretrizes renovadoras. Tudo isso explica o sucesso da bela festa espiritual e fraternal, que reuniu tanta gente no dia 5 de março, em comemoração ao centenário, no salão do atual Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, em prédio que foi por alguns anos a sede do Colégio São Vicente de Paulo petropolitano. Este antes ocupara condignamente - após o período de atuação no local do Colégio N. D. de Sion, na rua da Imperatriz - o Palácio de Petrópolis de Dom Pedro II, onde

hoje é o Museu Imperial. Estiveram presentes o prefeito de Petrópolis e o príncipe Pedro Gastão de Orleans e Bragança, vários representantes religiosos e muitos professores de instituições locais e de outros pontos do Brasil, além de jornalistas e de funcionários de filiais da Vozes de todo o país.

Na semana do centenário tive a oportunidade de participar da celebração geral, em visita especial à Editora como vice-presidente do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, no Rio de Janeiro (associação agora ligada ao atual Instituto Goethe), destacando que a contribuição cultural das raízes da tradicional Alemanha - de antes do Nazismo - teve um de seus canais de expressão no Brasil através dos frades franciscanos. Estes então, na maioria, eram de origem germânica e restauraram, desde cerca de 1896, a atividade religiosa das Províncias Franciscanas no Brasil e também disseminaram, implicitamente, parte do gosto e da cultura européia em nosso país a partir da música e da literatura. A posição anti-nazista foi cedo estabelecida entre os franciscanos, como comprova um livro de figura exponencial da primeira metade do século na **Vozes** e em conventos franciscanos, como foi Frei Pedro Sinzig. Este era também jornalista e nesta atividade, ao sabor da época, utilizava bastante pseudônimos. Depois de Frei Inácio Hinte - fundador da tipografia e da revista - Frei Pedro foi por muitos anos responsável pela gestão da citada publicação. No espírito eclesástico da época e em resultado de sua atividade polivalente, Frei Pedro participou em Petrópolis bastante das reuniões religiosas para indicação ou aconselhamento de leituras ou freqüência a cinemas e teatros, aconselhamento que na sua designação de época como censura, não deve ser confundido com **censura** de proibições e incriminações com pena de morte, que na igreja católica tivera seu triste apogeu em épocas da Inquisição. E no século XX, em atividades leigas, na censura absurda e criminosa por ditaduras militares.

O livro **Nazismo sem Máscara**, de 1936, é de Pedro Sinzig, e no atual livro do centenário da Vozes, organizado por Marcelo F. de Andrades ele está referido. Vê-se aí em nota, que a obra fora publicada com o pseudônimo de autoria de João Bauer Reis, impressa no Rio de Janeiro, com 284 páginas, pelo editor L. A. Josephson.

O livro do centenário que tanto referi aqui, com os seus espírito e hábito de transparência, também marcantes nas duas Vozes

(editora e revista), mostra igualmente que de 1914 a 1917 abusara Frei Pedro de sua tendência nacionalista para defender a Alemanha na Primeira Grande Guerra, certamente por ser a sua pátria. Mas no terrível conflito ideológico e animalesco que foi a 2ª Guerra Mundial, ele já havia tomado posição contra os crimes inomináveis praticados pelo Nazismo. **O Nazismo sem Máscara** marca essa diferença.

Autor de um **Dicionário Musical** (ed. Kosmos, Rio), de livro de músicas em colaboração com Frei Basílio Rower (Vozes), de estudo sobre “Maravilhas de Arte no Convento de São Francisco de Bahia” (IHGB, 1931), de pesquisas a respeito do barroco mineiro, em 1913, e professor de Estética - por pouco tempo - da Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette, no Rio de Janeiro, Frei Pedro mostrou um dos lados da prática de cultura de um franciscano. B. Rower havia publicado, pela Vozes, minuciosa história do Convento de Santo Antonio, no Rio.

Mais perto de nossos dias e mais aberto foi o Frei Ludovico Gomes de Castro, cuja gestão da editora durou de 1962 a 1986, exercendo a função com notável espírito renovador e marcou a presença da revista na história de nosso século XX. Com o apoio administrativo de Frei Eduardo Chuany e o teológico do então Frei Leonardo Boff a revista se fortaleceu. Ela e a editora vieram a ter a cooperação da escritora Rose Marie Muraro - que antes trabalhara com Dom Helder Camara na CNBB - e também de muitos intelectuais, estando entre os autores publicados M. Foucault, J. Piaget, C. Levi-Strauss, N. Chomsky, R. Barthes, U. Eco, Paul Ricoeur, C. G. Jung, T. Todorov e entre os brasileiros Florestan Fernandes, Leonardo Boff, Darcy Ribeiro, J. Mattoso Camara, Octavio Ianni, Roland Corbisier, Helomeida Studart, Luís Costa Lima. Destaque-se aqui a honrosa edição do **Brasil / Tortura Nunca Mais**, livro organizado pelo Cardeal Dom Paulo E. Arns, que continua sendo de grande utilidade. A revista **Vozes** ficou ademais uma referência para os estudos da Teologia da Libertação.

Desde cedo, brasileiros com outras raízes cooperaram com os frades vindos da Alemanha. Um especialista gráfico de origem francesa, Antonio Geoffroy, chefiou durante anos os serviços de composição de tipografia da Vozes, até 1927, quando se exonerou amigavelmente. Então montou pequena gráfica sua na antiga avenida XV de novembro, em loja que deve ter sido a base da Papelaria (e livraria) do Povo, propriedade

documentada de um Geoffroy e atuante a partir desse final da década de 20 por bastante tempo.

A revista (e a editora) não se expressam em uma única voz. Elas usam o plural **Vozes** no nome e isso é simbólico. Destaque-se que o nome da revista como **Vozes** foi resultado do conhecimento que os frades tinham do **Stimmer der Zeit** (Vozes do Tempo). Isso é explicado em nota do livro do Centenário a que temos aludido, que nos diz: “era o nome de um jornal alemão muito lido pelos frades no início do XX. Foi esse jornal que inspirou frei Ambrósio Johannins a dar o nome de Vozes de Petrópolis para a revista de cultura que estava sendo lançada em 1906-1907. Mais tarde, em 1911, o nome da revista foi assumido pela editora.”

Em catálogo de publicações a editora informou recentemente que “no momento ela possui um parque gráfico com cerca de 50 máquinas, em um prédio de 6433 m², abrigando 405 funcionários, considerando 218 na sede em Petrópolis e 187 funcionários nas filiais. Sua capacidade gráfica mensal é, em média, 250 mil livros (incluídos os próprios e de terceiros)”. Sua parte editorial divide-se nas áreas religiosa e cultural. “Entre as produções periódicas estão **Folhinha do Sagrado Coração de Jesus, Almanaque Santo Antonio, Graças a Deus** e as revistas **Cultura Vozes, Estudos Bíblicos, Concilium e Ribla**”. Já obteve prêmios em exposições de livros e avaliações de corporações editoriais. O seu aspecto amplo e ecumênico une-se à sua coragem moral para valoriza-la no Brasil.